

CONTRIBUIÇÕES PARA O PROJETO DE AMBIENTES DESTINADOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

SOUZA, Fabiana dos Santos (1); RHEINGANTZ, Paulo Afonso (2); SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes (3);
VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos (4);

(1) Arquiteta, Doutoranda PROARQ/UFRJ, Professora Substituta, Escola de Belas Artes, UFRJ
(fabianas@terra.com.br)

(2) Arquiteto, Dr., Professor Adjunto, FAU/PROARQ, UFRJ (par@centroin.com.br)

(3) Psicóloga, Pós-Doutoranda UFF, Professora Adjunta, UNEB (lianasodre@hotmail.com)

(4) Psicóloga, PhD, Professora UERJ (vmrv@openlink.com.br)

Resumo

Verificamos um número crescente de ambientes destinados à Educação Infantil. Todavia grande parte destes estabelecimentos são adaptados ou instalados em edificações já existentes. Visando contribuir para projetos de avaliação destes espaços, ou mesmo de construções, reformas e adaptações, procuramos desenvolver um instrumento que pudesse facilitar a interlocução do projetista com o usuário criança. Acreditamos que um bom projeto só pode ser alcançado por meio da participação de todos aqueles que ocuparão as edificações. Nesse sentido, o artigo reúne as experiências compartilhadas por pesquisadores de Arquitetura e de Psicologia, relacionadas com a atividade do desenho como instrumento para a interlocução com menores de 6 anos em trabalhos de avaliação pós-ocupação, de programação arquitetônica e de projeto de creches. Apresentamos a experiência de um estudo-piloto desenvolvido com crianças entre 4 e 5 anos na Creche Berta Lutz (RJ) quando verificamos a aplicabilidade dos métodos utilizados na atividade de desenho com as crianças, eventuais dificuldades e resultados encontrados. Como procedimento, solicitamos às crianças que fizessem dois desenhos: um sobre a creche – para reconhecer a visão que estes tinham da creche – e o segundo, sobre aquilo que mais gostavam na creche – para identificar suas necessidades e expectativas com relação ao espaço da creche, por meio dos pontos mais valorizados por eles. Os resultados foram categorizados e confrontados com outras pesquisas dos autores permitindo-nos concluir que trata-se de um método válido uma vez que os resultados seguiam uma linearidade mostrando como essa faixa etária tem necessidade do convívio em áreas externas e com a natureza.

Abstract

These days there are a growing number of environments for Children Day Care. However most of them are adapted from existing buildings. In order to contribute in the evaluation of these buildings, we developed an instrument to facilitate the interaction between designers and children users. We believe that a good building design is obtained only through the participation of its future users in planning. This paper brings together the experiences of Architecture and Psychology researchers related to the drawings method as an instrument of interaction with children under 6 years old in Post-Occupancy Evaluation (POE) works, planning and design of Children Day Care. We present the pilot-study experience with 4-5 years old children at Creche Berta Lutz (RJ), where we verified the drawings method applicability, its difficulties and results. In this research, we asked children to draw: 1- about the Children Day Care to identify their vision about the institution; 2- about what they liked the most at the Children Day Care to identify their needs and expectations with regards to the institution environment. The results were categorized and compared with other authors' researches. This procedure allowed us to conclude that this method is valid once the results follows linear ways showing that 4-5 years old children need to be in contact with nature and to play in outdoor places.

Apresentação

Este artigo é fruto de pesquisas interdisciplinares desenvolvidas pelos autores visando o planejamento de ambientes para a Educação Infantil sensível às necessidades das crianças. Nosso trabalho tem sido norteado por uma tese de doutorado em Arquitetura que tem como objetivo principal propor diretrizes e recomendações de projeto para ambientes da Educação Infantil e uma Pesquisa de Pós-Doutorado em Psicologia que busca compreender e demonstrar a importância da vivência nas áreas externas experimentada por crianças a partir de 4 anos. Em ambas as pesquisas utilizamos como instrumento de interlocução com as crianças a atividade de desenho. Após alguns testes pudemos enfim chegar a uma forma sistemática de trabalhar este instrumento. Neste sentido, o presente artigo busca compartilhar os resultados de um estudo piloto desenvolvido com crianças entre 4 e 5 anos desenvolvido na Creche Berta Lutz da Fundação Oswaldo Cruz, com vistas a verificar a aplicabilidade dos métodos utilizados na atividade de desenho com as crianças como ferramenta de projeto para ambientes para a Educação Infantil.

Projeto x Necessidades x Qualidade

Nossa grande preocupação é melhor adequar o espaço físico destinado à Educação Infantil às necessidades daqueles que o vivenciam. Ornstein & Romero (1992) afirmam que nosso país, nos últimos tempos, tem sido palco de edificações cujo controle da qualidade tem sido pouco considerado, gerando produtos insatisfatórios, a redução da vida útil do espaço construído, e a conseqüente deterioração das relações humanas que abrigam. Lima demonstra preocupação com a tirania do desenho dos espaços coletivos, cujos autores dos projetos consideram-se capazes de interpretar os anseios dos usuários, sem tê-los antes consultado, gerando “um processo de redução dos espaços: redução cultural, redução de áreas, redução de material” (LIMA, 1989:10). Sanoff (1995, 2000, 2002a e 2002b), defende a importância da participação dos usuários no processo de projetar e relata suas experiências positivas conquistadas com seu método de trabalho, que visa reconhecer as expectativas e anseios dos usuários por meio do trabalho conjunto. Outros autores (ELALI, 2002; AZEVEDO, 2002; AZEVEDO et al., 2004; SOUZA, 2003; SAGER et al., 2004) também têm demonstrado interesse pelos usuários e pela qualidade das edificações, que pode ser alcançada com o reconhecimento da importância do comportamento e das necessidades do seu público alvo.

Projeto para Ambientes Educacionais

As dificuldades e necessidades da vida atual, aliadas ao estímulo e à ampliação do potencial de aprendizagem infantil, obrigam as crianças a freqüentar cada vez mais e mais cedo instituições de Educação Infantil (ELALI, 2002). A crescente demanda por instituições educacionais nas grandes e médias cidades faz proliferar o número de estabelecimentos destinados a acolher e educar crianças entre 0-6 anos. No entanto, grande parte destas instituições e estabelecimentos não está preparada para tal responsabilidade. Como muitas delas estão instaladas em edificações adaptadas ou projetadas de forma padronizada obedecendo à política de merecimento de pobreza¹ para os pobres, cabe questionar a qualidade dos ambientes e dos serviços oferecidos por estas instituições.

Para que o projeto atenda aos seus propósitos, é preciso reconhecer a realidade e as necessidades infantis, ou seja, traduzi-las de modo a torná-las efetivas na ação projetual.

Apesar de conhecida a importância da organização espacial dos ambientes educacionais, em muitos casos esta preocupação não se faz presente nos ambientes destinados à Educação Infantil. (SANOFF, 2002b; AZEVEDO & BASTOS, 2002; SOUZA, 2003).

¹ Cf. Lima (1995:64-65)

“O questionamento sobre a qualidade de vida no ambiente construído vem sendo sustentado por pesquisas na área da arquitetura e da psicologia ambiental, revelando a necessidade de um olhar mais atento às relações pessoa-ambiente. Porém ainda há uma lacuna entre essa crescente reflexão e a realidade revelada pela produção da arquitetura escolar, apesar do tema ser fonte de permanente discussão e controvérsia” (AZEVEDO & BASTOS, 2002:154).

É possível afirmar que a maior parte das instituições educacionais não explora adequadamente as potencialidades proporcionadas pelo espaço físico para o desenvolvimento infantil. Com base na literatura consultada poderíamos dizer que os ambientes podem colaborar para o desenvolvimento da autonomia das crianças entre 2-6 anos, na medida em que facilitem a sua interação. Sanoff (2002b:21) acredita que “a menos que os professores compreendam porque a organização de um ambiente pode ser superior a outra, todos os arranjos físicos no mundo irão ter pequeno ou nenhum impacto na natureza do processo de aprendizado na sala de aula”².

Segundo Sanoff, o espaço da educação infantil deve ser utilizado como estratégia de ensino e os educadores deveriam reconhecer a potencialidade destes ambientes, questionando os arranjos e a aparência das salas de atividades, bem como experimentar modificações que possam vir a funcionar melhor na realidade em que estão inseridos. Estas preocupações também estão presentes no estudo de Santana (2000), que afirma que os espaços físicos podem ser organizados de acordo com as necessidades e experiências de cada turma, sendo modificados quando necessário, em função de interesses manifestados pelas crianças.

“Um ambiente físico rico em recursos que a criança possa explorar, testar e aprender com ele tem o mais dramático efeito na capacidade de aprendizado e habilidades das crianças assim como em seus comportamentos e atitudes. A fim de ocorrer um ótimo desenvolvimento, o ambiente deve ser facilmente acessível e logicamente organizado. Isto incute confiança e constrói independência nas crianças”. (SANOFF, 1995:1)

A Criança hoje

No Brasil, a partir de 1937 a Constituição Brasileira garantiu aos cidadãos o acesso ao Ensino Primário (a partir de 7 anos); a nova Constituição (1988) concedeu este privilégio às crianças de 0-6 anos. Baseado na nova constituição e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), o referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI/98) sugere,

“como diretriz orientadora do projeto pedagógico da Educação infantil, que as UEI³ criem condição para o desenvolvimento integral das crianças, através de uma atuação que propicie o desenvolvimento das capacidades física, cognitiva, afetiva, estética e ética, além da preocupação com o desenvolvimento das relações interpessoais e da inserção social” (DIAS & VASCONCELLOS, 1999:10)

Segundo o MEC, a Educação Infantil passou do caráter assistencialista ou compensatório para um *status* educacional onde a criança, como sujeito de direito, é vista, a partir de sua própria cultura e do seu meio social, como um ser capaz de estabelecer múltiplas relações, de criar uma cultura que lhe é peculiar. Assim, o ambiente destinado à criança deve ser organizado de acordo com as suas necessidades, de modo a aumentar a interação da criança com o ambiente, que deve proporcionar liberdade, experimentação e favorecer o "brincar" coletivo e as interações interpessoais.

A inclusão da criança como usuária

Os estudos citados até aqui servem para ilustrar a preocupação dos teóricos e das instituições oficiais com a educação. Entretanto, como principais usuárias da escola, independentemente da sua idade, as crianças também devem contribuir com suas indicações e reflexões para a análise do ambiente educacional. As crianças podem e devem participar ativamente do processo educacional a que estão ou vão estar submetidas.

² tradução da autora

³ Unidade de Educação Infantil

Desenho como instrumento de interlocução do projetista com a criança

Uma vez que as diferentes áreas (Arquitetura e Psicologia) têm em comum o interesse em conhecer como a criança vê e analisa o ambiente educacional em que está inserida, procuramos desenvolver um instrumento capaz de: (1) gerar subsídios para os profissionais da Arquitetura elaborarem projetos compatíveis com a faixa etária das crianças usuárias; (2) auxiliar no entendimento, pelos profissionais da Psicologia, da subjetividade infantil presente em suas proposições, descrições e valores; (3) para ambos, direcionar para a compreensão das necessidades e expectativas de crianças de 4 a 6 anos relacionadas com o ambiente educacional.

I - Método

O estudo piloto foi realizado com crianças de 3 anos e 10 meses a 4 anos e 11 meses, na Creche Berta Lutz, destinada a filhos de funcionários da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), localizada no Campus de Manguinhos, no Rio de Janeiro.

As Crianças: Participaram do estudo crianças das 3 turmas de Jardim da creche, envolvendo 35 crianças na primeira, e 36 na segunda atividade de desenho.

A Edificação: Unidade composta por três edificações principais dispostas em três platôs, em terreno acidentado. O primeiro bloco abriga administração. O segundo, abriga as crianças menores, incluindo um berçário e lactário. O terceiro abriga as salas das crianças maiores, o refeitório, a despensa, a enfermaria e o núcleo de pesquisa. Os blocos são integrados pelas áreas verdes, pelas circulações cobertas, que também são utilizadas como pátio externo onde são desenvolvidas atividades e brincadeiras, e complementados por um parquinho com brinquedos, bem como por um tanque de areia, uma casinha de boneca, uma horta e quiosques.

Recursos: Para aumentar a possibilidade de contar com as explicações e narrativas das crianças, como recurso desencadeador, utilizamos a elaboração de desenhos e a sua posterior descrição. Gobbi acredita que o desenho e a oralidade infantil podem ser "compreendidos como reveladores de olhares e percepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos e desejados" (2002: 71). Outras autoras (SODRE & SANTOS 2004; GRUBITS, 2003; LEITE, 2004; SOUZA, 2003) trabalham as relações entre a fala e o desenho das crianças como recursos mediadores para acesso à subjetividade infantil. Definimos a realização de dois exercícios de desenho para que as crianças pudessem expressar suas idéias e opiniões sobre a creche (desenho 1) e o que mais gostam nela (desenho 2). Terminados os desenhos, cada criança foi convidada a descrever ou explicar os elementos reproduzidos. Para a transcrição das falas de cada criança, sobre cada desenho, foram utilizadas duas Folhas de Registro por criança, contendo cabeçalho de identificação. Como forma de eliminar elementos que são habituais nos desenhos das crianças e que, como tal, não responderiam às questões da pesquisa, solicitamos, de antemão, um desenho livre que foi pedido à elas pela estagiária da creche.

Procedimento: Com a aquiescência da direção e em horários e dias previamente planejados, efetuamos a produção dos dados. No primeiro dia de atividade, já de posse dos desenhos livres, as pesquisadoras foram apresentadas às crianças. A maioria demonstrou interesse em colaborar com os desenhos. As crianças foram chamadas duas a duas, em salas separadas especialmente para a atividade; seus arranjos espaciais foram organizados com mesas e cadeiras próprias para o tamanho das crianças além do material necessário para a pesquisa: papel sulfite branco e caixa de giz de cera. Inicialmente as pesquisadoras, uma arquiteta e uma psicóloga, explicaram a temática do desenho e acompanharam as crianças durante a execução deste, tomando nota dos relatos das crianças, pois segundo Méredieu (1974) nesta faixa etária é comum as mutações gráficas e plásticas do desenho durante sua elaboração. Na primeira atividade foi solicitado que desenhassem **a creche** e na segunda, **o que mais gostavam na creche**. Estes tinham por finalidade: (1) compreender a visão das crianças sobre a creche; e (2) avaliar sua capacidade para discriminar os ambientes ou recursos que mais valorizavam. Ao termina-los, cada criança era convidada a explicar seus desenhos. Estes relatos foram transcritos em folhas de registro, identificados e grampeados junto com os desenhos.

II- Resultados e Discussões

Os desenhos e as explicações das crianças foram analisados e distribuídos em categorias de modo a evidenciar os interesses das crianças diante das questões colocadas. Além do desenho livre aplicado por uma estagiária da creche, as pesquisadoras solicitaram às crianças outros 2 tipos de desenhos. As informações desenhadas/faladas, de cada desenho foram categorizadas segundo as respostas. Para refinar sua análise, as categorias foram subdivididas em subcategorias, de modo que a definição genérica servisse como orientador e o detalhamento propiciasse as condições para a maior clareza dos elementos presentes no imaginário infantil da população estudada.

1 Análise do desenho livre

O desenho livre, aplicado de antemão por uma estagiária, teve como objetivo conhecer os temas e os elementos recorrentes para o grupo de crianças em estudo, e serviu como linha de base para análise dos demais desenhos. No conjunto dos desenhos livres observamos a predominância da representação de figuras humanas (31%), da representação do sol (12%), das letras/nomes (10%) e dos contornos (10%).

Quadro 1: Amostragem dos Desenhos Livres

Categoria	fi	f%
Formas Humanas	18	31%
Sol	7	12%
Letras / Nomes	6	10%
Contorno	6	10%
Natureza	4	7%
Animal	2	3%
Personagem (Sereia)	1	2%
Mar	1	2%
Barco	1	2%
Formas Geométricas	4	7%
Formas Não Identificadas	9	15%
Total	59	100%

2 Análise do desenho da creche

Na primeira atividade, solicitamos às crianças que *desenhassem a creche*, visando obter indícios sobre o modo como a instituição é vista pelas crianças, quais os aspectos que mais destacam no seu ambiente educacional. Na análise dos desenhos (Fig.1) os espaços e elementos da creche foram organizados em sete categorias: na primeira categoria, 65% das crianças se detiveram em elementos construtivos⁴, da natureza, equipamentos da área externa e ambientes internos da creche; na segunda categoria, 17% das crianças escolheram desenhar as pessoas que convivem ou passam pela creche; os desenhos restantes (18%) dividiram-se entre brinquedos, animais, alimentos ou dificuldades relacionadas com o atendimento da solicitação – algumas crianças (4%) disseram claramente que não iriam fazer o que estava sendo proposto porque não sabiam desenhar e mesmo quando inquiridas sobre a possibilidade de responder em palavras demonstravam constrangimento pela dificuldade para se expressar. Os elementos retratados somam 157 ocorrências.

⁴ Consideramos como elementos construtivos aqueles relativos às edificações tais como: portas, janela, parede, telhado, entre outros.

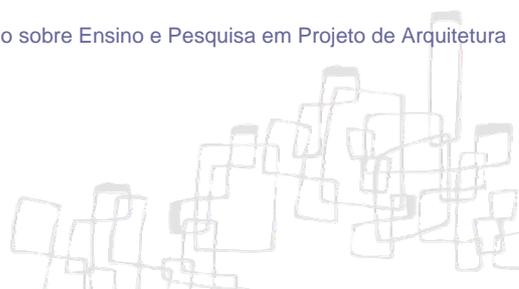
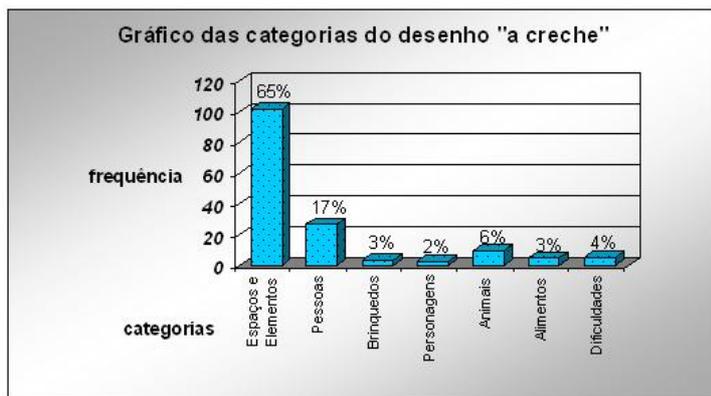


Figura 1 – Distribuição percentual das categorias identificadas nos desenhos das crianças da Fiocruz para a solicitação: desenhando a creche.

2.1 Detalhando a análise do desenho da creche

Na Tabela 1, é possível observar que algumas crianças se detiveram no campus (5%) da Fiocruz como um todo, enquanto outras se limitaram à creche e suas áreas externas e internas (60%). Das oito crianças que desenharam o campus, quatro reproduziram o castelo da Fiocruz, o que pode se justificar pela força simbólica no campus e nos uniformes e materiais da creche. As demais reproduziram ruas (2) e carros (2).

Tabela 1– Distribuição simples e percentual dos elementos que compõem a categoria 1 nos desenhos da creche feitos pelas crianças

Categoria 1 - Espaços e Detalhes	fi	f %
Campus	8	5%
Creche	14	9%
Ambientes Internos da Creche	9	6%
Elementos Construtivos da Creche	16	10%
Detalhes da Creche	2	1%
Ambiente Externo / Natureza	39	25%
Ambiente Externo / Equipamentos	14	9%

Considerando, N = 157 (número de elementos retratados na atividade de desenho 1)

Outra subcategoria retrata a creche como um todo (9%) enquanto outras se detêm nos ambientes internos (6%), nos elementos construtivos (10%) e em detalhes (1%). Verifica-se, portanto que para estas crianças a creche pode ser representada pela sua forma geral ou parcial. A exemplo disso acrescentamos abaixo alguns destes desenhos.



edificação que representa as salas dos jardins

Creche representada pela sua



Creche enfeitada representada por contorno onde estão inseridas mãe e filha



edificação do bloco 2 com o telhado em vermelho, as paredes, janelas, corredor e grama



Creche retratada pela sala de aula com suas portas e a área externa com o balanço

Das 14 crianças que reproduziram a creche, predominou a representação da edificação (6) – evidenciando paredes, telhados, portas e janelas, bem como sua forma longitudinal - e do contorno da creche (5) – aparentemente a criança atribui uma forma envolvente que acolhe pessoas e elementos no dinamismo de suas atividades. A seguir, aparecem, traçados indefinidos (1) porém indicados como sendo a creche e o desenho do nome (2) como representando a mesma.

Nos ambientes internos, apareceram a sala (3%), o refeitório (1%), o corredor (1%) e a cozinha (1%); provavelmente a sala se destaca por ser o território das crianças.

Nos elementos construtivos, os desenhos indicam: porta (5), janela (3), telhado (3), parede (2), corredor (1), portão (1) e local do banho (1). A porta e a janela referem-se à ligação entre ambiente interno e externo. Quanto aos detalhes, uma criança desenhou enfeites e outra, uma lâmpada.

A área externa foi retratada em componentes classificados em 2 sub-categorias: natureza (25%) e equipamentos (9%). Os elementos da natureza, foram classificados em *elementos do firmamento* (céu, sol, lua, nuvem, chuva e arco-íris) e *elementos da terra* (chão, grama, flor e árvore). A exemplo de Sodré (2004) e Souza (2003), a área externa e os elementos da natureza se destacam como elementos presentes no imaginário infantil dos ambientes educacionais. Dos equipamentos externos, foi indicado o parquinho (2%) com cita o dos seus elementos (7%): escorrega, tanque de areia, balanço e ponte.

A Tabela 2 apresenta as diferentes sub-categorias com menor freq ncia percentual: pessoas da creche, família, coleguinhas e criança (ela mesma). Inicialmente observa-se que a maioria (6%) das pessoas desenhadas foram os professores e os funcionários (cozinheiro e porteiro) e incluíram até as pesquisadoras; a seguir, a presença de coleguinhas e familiares, o trânsito de pessoas e a convivência social aparecem como aspectos que chamam a aten o das crianças. Por fim, 3% das crianças se retratam na creche, indicando, possivelmente, sua apropria o do local e/ou identifica o como participantes desta institui o.

Tabela 2 – Distribui o simples e percentual dos elementos que compoem a categoria 2 nos desenhos da creche feitos pelas crianças

Categoria 2 - Pessoas	fi	f %
Professores, pesquisadores e funcionários	10	6%
Família: pai e mãe	6	4%
Coleguinhas	6	4%
Criança	5	3%

Considerando, N = 157 (número de elementos retratados na atividade de desenho 1)

Estão presentes também outras cinco categorias de desenhos, apesar da sua baixa incidência; nelas foram identificados aspectos relevantes da instituição, tais como: animais, alimentos, brinquedos, personagens e dificuldades.

Com relação aos animais (6%), é possível observar a presença de alguns no cotidiano da creche tais como: pássaro, urubu, gato e, até, cobra. Entretanto, coelho, cachorro, onça e tigre, devem ter sido registrados a partir do imaginário infantil ou influenciados pelas temáticas trabalhadas pelas professoras. Os alimentos (3%), talvez tenham sua frequência relacionada ao fato de que 4 refeições (colação, almoço, lanche e jantar) são elementos de destaque no cotidiano da instituição entre 8:30 e 16:30hs.

Chama atenção que, apesar do brinquedo estar presente no cotidiano e no desejo das crianças, no estudo eles não foram muito retratados aparecendo apenas uma vez a palavra genérica *brinquedo* e a bola que foi citada por três crianças. 2% das crianças incluíram personagens de histórias infantis, em especial os da história de Chapeuzinho Vermelho. Isto pode ser justificado pela representação da peça e pelo livro que fazia parte do projeto pedagógico (bienio de livro) do momento da creche.

Algumas crianças sentiram dificuldades em atender à solicitação dos desenhos e disseram claramente que não sabiam desenhar o que estava sendo pedido (4%). Seu percentual foi computado por dar indícios de ser uma característica da faixa etária em estudo. Outra dificuldade com a qual o estudo se deparou foram elementos que não foram identificados como parte da creche tais como: linha, “pau que fica na sala”, vestido e salto alto.

Por fim, os rabiscos acidentais que passavam a ser justificados a partir da forma que assumiam, se justificando pelas formas e não pelas respostas intencionais para a demanda pleiteada, foram descartados. Como exemplo, podemos descrever o desempenho de um garoto que quando estava fazendo a chuva, o lápis escorregou e deixou um traço reto no papel, que foi logo completado e traduzido como uma faca.

3 Análise do desenho do que mais gosta na creche

Usando o mesmo recurso de agrupar os desenhos em categorias, ao responder à indagação sobre *o que mais gosta na creche* as crianças não apresentaram elementos do campus presentes no primeiro desenho e apareceram outras duas sub-categorias a que denominamos meios de transporte e atividades. A distribuição das categorias identificadas (Fig.6) evidencia novamente que, em primeiro lugar, estão os espaços e elementos da creche (52%); em segundo lugar, as pessoas (19%) e em terceiro brinquedos, personagens e atividades (17%); estas três categorias são as mais apreciadas e valorizadas pelas crianças quando defrontadas com a avaliação deste ambiente. As demais (Alimentos, Animais e Dificuldades) aparecem num percentual baixo (13%) e pouco representativo. Os elementos retratados somam 139 ocorrências.



Distribuição percentual das categorias identificadas nos desenhos das crianças da Fiocruz para a solicitação: desenho o que mais gosta na creche.

3.1 Detalhando a análise do desenho: o que mais gosta na creche

Na Tabela 3 os elementos da natureza continuam presentes em grande quantidade (16%) tanto no que diz respeito aos elementos do firmamento (céu, sol, noite e nuvem) quanto nos da terra (grama, flores e árvores). Contudo, nesta solicitação, os equipamentos do ambiente externo (22%) que compõem as diferentes unidades do parquinho ultrapassaram o percentual dos elementos da natureza. Vale lembrar que na primeira atividade, os elementos da natureza apareceram em 25% e os equipamentos do parquinho em 9%. Tal fato mostra que, mesmo encantados com a natureza, os elementos considerados como mais importantes são os brinquedos do parquinho (tanque de areia, escorrega, balanço, ponte, “pendura”, trezinho, quiosque, rampa e casinha de boneca). A conjugação destas duas categorias fortalece a percepção de o parquinho ser extremamente atrativo, pelas possibilidades não apenas de brincar e explorar espaços, mas, também, pelo contato com a natureza.

Tabela 3 – Distribuição simples e percentual dos elementos que compõem a categoria 1 nos desenhos do que mais gostam na creche feito pelas crianças

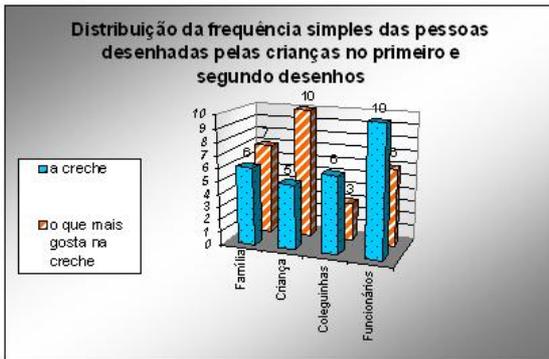
Categoria 1 - Espaços e Detalhes	fi	f %
Ambiente Externo / Equipamentos	30	22%
Ambiente Externo / Natureza	22	16%
Elementos da Creche	13	9%
Ambiente Externo / Transportes	7	5%

Considerando, N = 139 (número de elementos retratados na atividade de desenho 2)

Com percentual menor que do primeiro desenho, (28% e 9%, respectivamente para a primeira e segunda atividade) aparece a creche e seus ambiente e elementos construtivos. Mais uma vez, dentre estes elementos, a porta se destaca, pois foi desenhada por 3 crianças, enquanto os demais elementos (com exceção da creche que aparece em 2 desenhos) tiveram apenas um incidência (sala, pintura da sala, janela, muro da creche, portão de entrada, torre d’água e rampa).

Aparece neste desenho uma nova sub-categoria — meios de transporte. As crianças desenharam três aviões, três carros e um ônibus. A localização da creche permite às crianças uma visão das ruas que a circundam e, com isto, elas podem observar carros e ônibus circulando pelo Campus e esta pode ser considerada uma atividade prazerosa. Quanto aos aviões, não foi possível perceber a presença deles durante a pesquisa. A reprodução destes meios de transporte pode indicar também a necessidade de trânsito, de movimento ou a conquista por novos espaços a serem explorados, merecendo maior aprofundamento em estudos posteriores.

Com relação à presença de pessoas nos desenhos, vale ressaltar a diferença entre as duas atividades (Fig.7). Quando a criança retrata a creche ela desenha mais os adultos que circulam nela cotidianamente (atividade 1) e quando ela desenha o que mais gosta percebe-se que aumenta o número das que se retratam (atividade 2). Equipara-se o número de crianças que desenharam pessoas da família, mas o número de coleguinhas diminui. Estes dados podem indicar uma preferência pelos adultos em detrimento aos seus pares.



Distribuição da frequência simples das pessoas desenhadas pelas crianças no desenho da creche e no desenho do que mais gostam na creche.

Outras três categorias aparecem em percentuais menores: os animais (5%), os alimentos (6%) e as dificuldades (2%). Os animais que eles mais gostam, são: cobra leão, tartaruga, coelho, gaivota e borboleta - todos desenhados apenas uma vez. Com exceção da borboleta, os demais não estão presentes fisicamente na creche, porém podem ser desejados para estudo ou fruto das temáticas trabalhadas ou passeios realizados. Os alimentos também estão presentes, tanto em forma de comida (carne, macarrão e feijão) com na forma líquida (suco, nescau e água). Concluindo a análise desta atividade, registra-se mais uma vez três crianças com dificuldades, que disseram não saber desenhar, porém responderam oralmente.

III- Conclusões

As informações obtidas junto às crianças colocam-nas evidentemente na qualidade de usuárias aptas a fazerem análises sobre os aspectos construtivos das edificações que freqüentam. Ficou claro que a atividade de desenho com as crianças, trabalhada junto à sua narrativa, é um recurso válido para a interlocução com crianças na faixa etária em estudo a fim de identificar suas necessidades e expectativas. Neste estudo foi possível observar que estes usuários apontam para a importância do ambiente externo e os elementos para diversão e brincadeiras. Estas informações devem ser consideradas no projeto de construção e/ou reforma de unidades desenvolvidas para a Educação Infantil para que estas possam realmente colaborar com seu desenvolvimento e lhes permitir uma maior apropriação do espaço.

Considerações Finais

Reconhecemos que projetar ambientes que promovam o bem estar de seus usuários não é uma tarefa simples e parece ainda mais árdua quando se trata de ambientes destinados para a Educação Infantil, que abrigam nossos cidadãos do futuro. Estes devem ser pensados de modo a garantir à criança um ambiente saudável, onde possam desenvolver o mais plenamente possível seu exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho⁵.

Acreditamos que bons projetos são aqueles que são responsivos e atendem aos valores, percepções e desejos de seus usuários. Para isso é importante que estes participem do processo projetual.

Neste estudo, verificamos como a atividade de desenho pode ser usada na articulação do diálogo com as crianças que corresponderam fornecendo informações que podem ser usados como subsídios para projetos de ambientes adequados a elas além de auxiliar na discriminação de aspectos relevantes para o seu processo de desenvolvimento. A inserção deste procedimento

⁵ Função da família e do Estado segundo a LDB, Lei 9394/96 Art. 2º.

contribui na direção de uma atuação profissional do arquiteto mais humana e mais atenta as necessidades daqueles que ocuparam e utilizaram os ambientes que projeta.

Esperamos que o relato de nossas experiências possa contribuir não apenas com procedimentos sistemáticos de desenho com as crianças, mas também servir como um incentivo ao trabalho interdisciplinar e para a participação de todos os usuários dos ambientes da Educação Infantil (crianças, professores, funcionários e pais) no processo projetual.

Bibliografia

- AZEVEDO, G. **Arquitetura Escolar e Arquitetura: um modelo conceitual de abordagem interacionista**. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: COPPE / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- AZEVEDO, G. & BASTOS, L. “Qualidade de vida nas escolas: produção de uma arquitetura fundamentada na interação usuário-ambiente”. In: DEL RIO et al. (org.) **Projeto do Lugar**. Rio de Janeiro: Contra Capa / PROARQ, 2002. p. 153-165
- AZEVEDO, G. et al. “Padrões de infra-estrutura para o espaço físico destinado à educação infantil”. In: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. **Padrões de Infra-estrutura para as Instituições de educação Infantil e Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil**. Ministério da Educação, 2004. p. 3-24.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação**. Lei n. 9.394 de 20 dez. 96.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DIAS, A. & VASCONCELLOS, V. “Concepções de autonomia dos educadores infantis”. In: **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto: v.7 nº1, 1999. p.9-21.
- ELALI, G. **Ambientes para Educação Infantil: um quebra-cabeças?** (tese de doutorado) São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.
- FARIA, A. L. G. & PALHARES, M. S. **Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios**. Campinas: Autores Associados – FE/UNICAMP, 2000.
- FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papyrus, 1998.
- GRUBITS, S. **A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil**. In: *Psicologia em Estudo*, 8, p.97-105, 2003.
- LEITE, M. I. “Linguagens e autoria: registro cotidiano e expressão”. In: OSTETTO, L. E. & LEITE, M. I. **Arte infância e formação de professores: autoria e transgressão** (pp. 25-39). Campinas: Papyrus, 2004.
- LIMA, M. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.
- MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- ORNSTEIN, S. & ROMÉRO, M. **Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído**. São Paulo: Studio Nobel: FAUSP, 1992.
- ORNSTEIN, S.; BRUNA, G.; ROMÉRO, M. **Ambiente Construído & Comportamento: Avaliação Pós-Ocupação e a Qualidade Ambiental**. São Paulo: Studio Nobel: FAUSP: FUPAM, 1995.
- PREISER, W.; RABINOWITZ, H.; WHITE, E. **Post-Occupancy Evaluation**. Nova York: Van Nostrand Reinhold, 1988.
- RHEINGANTZ, P. A. **Centro Empresarial Internacional Rio: análise pós-ocupação, por observação participante, das condições internas de conforto**. (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- _____. **Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica Coppetec-Cosenza na Avaliação do Desempenho de Edifício de Escritório**. (tese de doutorado) Rio de Janeiro: Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- SANOFF, H. **Creating Environments for Young Children**. Mansfield, Ohio: BookMasters, 1995.

_____. **Community Participation Methods in Design and Planning.** Nova York: John Wiley & Sons, 2000.

_____. **A Vision Process for Designing Responsive Schools.** Retirado da Internet em 12/08/2002a. In: <http://www4.ncsu.edu/~sanoff/schooldesign/visioning.pdf>

_____. **School Building Assessment Methods.** Retirado da Internet em 12/08/2002b. In: <http://www4.ncsu.edu/~sanoff/schooldesign/schoolassess.pdf>.

SANTANA, C. **Vygotsky e a arquitetura das interações: um estudo sobre arranjos espaciais na educação infantil.** (dissertação de mestrado) Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000.

SODRÉ, L. G. P. & SANTOS, E. M. dos. (2004). Qualidade das edificações para educação infantil: estudo de caso com apreciação das crianças [Resumo Ampliado]. In: Associação Brasileira de Educação Infantil (Org.), **IV Congresso Internacional de Educação Infantil: Onde tudo começa. Saberes e fazeres na Educação Infantil.** *Anais* (p. 149-155). Rio de Janeiro.

SOUZA, Fabiana. **A influência do espaço construído da creche no comportamento e desenvolvimento da autonomia em crianças entre 2-6 anos. Estudo de Caso: Creche UFF.** (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

VASCONCELLOS, V. "Criando Zona de Desenvolvimento Proximal: a brincadeira na creche" In: Freire, M. T. A (org.). **Vygotsky um século depois.** Juiz de Fora: Editora Juiz de Fora, 1998, p.47-72.

VASCONCELLOS, Vera M. R. **Construção da subjetividade: processo de inserção de crianças pequenas e suas famílias à creche.** (tese apresentada como candidata a provimento de vaga para Professor Titular em Educação Infantil). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.